

**domingos
van-dúnem**

Uma história singular

ANO DA INDEPENDÊNCIA

[MIL NOVECENTOS E SETENTA E CINCO]

REFERÊNCIA
PREC. 1000

LUCIO LARA

Uma história singular

Com um desenho de Mário de Araújo

841100 N 406

OBRAS DO AUTOR

Publicado :

AUTO DE NATAL : prémio «Óscar Ribas», 1972 (esgotado)

a publicar :

KIOXINDA — Peça em 3 actos, 1967

NGONE — Peça em 1 acto, 1973

Em preparação :

«O IDEIAS SUBVERSIVAS» (Apontamentos da nossa luta de libertação — teatro)

Reservado todos os direitos do autor

Esta pequena história, escrita em mil novecentos e cinquenta e sete, destinava-se, a um livro, cujas páginas, «desapareceram» no ano de mil novecentos e sessenta e um...

A história de Xiquito, símbolo dos anos de trinta... Publicamo-la, neste histórico mês de Novembro do Ano de mil novecentos e setenta e cinco — o Ano do grande avanço do nosso inquebrantável **querer**, — para recordar companheiros, filhos do Povo que até nas cadeias da PIDE/DGS conhecemos o amargo das distinções. Tenebrosas celas. Os ventos da Baía dos Tigres, etc. As mais repugnantes sevícias. Assassinatos e fusilamentos. O desprezo humano. Os do «Processo sem número e sem nome»! Os que desconhecaram o ambiente para a meditação que despertou vocações e fez surgir valores. Os sobreviventes das cadeias que, partiram para os desterrados. Porque

afinal, fomos todos mais uma vez, vítimas do divisionismo que separa o Povo, para todos, vai este pobre escrito. Pedaco da nossa vivência e do nosso sentir. «Nós mesmos!». O sentir na carne e no Espírito. O choro da raiva. O inconformismo que nos levará a contar mais histórias. Apelo à solidariedade e à coesão. Porque, decididamente

A LUTA, CONTINUA!...

(No Ano da Independência da nossa Pátria)

D. V.

A necessidade imperiosa da luta pela vida, obrigava-os, homens e mulheres, pisarem o chão arenoso do Kabilangu, debaixo dum sol abrasador.

Faziam-no, praguejando contra o mundo que tudo tem e não se preocupa em encontrar meios que suavizem o sofrimento do próximo.

Vida de pobre, é vida de escravo. Pior que vida de cão. O Nero, do senhor Baltazar Moreno, por exemplo, bebe leite e, ao almoço, come bifes. Quadros da vida...

O sol, todavia, nunca conta para as diabruras da miudagem. Gente feliz. Bebé, o kasule (1) da Ngongongo, (2) era um desses. Avançava, rolando o seu arco, numa guita, indiferente às intempéries do tempo. Dizia-se o Onga Mabaia e até sabia imitar o buzinar do carro do famoso motorista da praça da Sé.

— Puam, puam!...

Rodou para a esquerda. Um homem de estatura meia e pernas arqueadas em forma de alicate, parou, à sua frente.

Kubindama, em pessoa. Desde manhã cedo o cabo-civil percorria o bairro, indagando, de porta em porta, o paradeiro da Nga Moça.

— Xé miúdo: vouce sabe adonde é em casa da Nga Moça, la-vandela?!...

Bebé, respondeu, mentindo que, não conhecia a morada da amiga mais íntima da mãe. E, partiu, a tiritar de medo, pois, poucos eram os miúdos e até graúdos que, cruzando com o Kubindama não lhe sentiam o peso da mão.

Naquele momento, porém, uma única preocupação o dominava. Havia recebido ordens do Tenente Florentino que

deveria entregar, ainda durante a manhã, sem falta, a contra-fé, para que Nga Moça se apresentasse ao dia seguinte à Administração. E, Kubindama, bem sabia os riscos do não cumprimento da ordem, fossem quais fossem as razões que viesse a alegar. Com o Tenente Florentino até a Kilemba (4) perdia a força. Era uma verdade, demasiadamente sabida...

Já passava da hora e meia. Aproximava-se o segundo período de trabalho. A cidade que há pouco mergulhara num silêncio regurgitava de gente.

A fome redobrava os tormentos do Kubindama pois, o dia já mergulhando no abismo do Tempo e apenas tasquinhará uma sandes de chouriço para zumatar (4) um branquinho de um e meio.

Bebé, afastou-se, correndo, veloz. Deixara o arco pelo caminho para evitar embaraços no trajecto.

Kubindama espetou o dedo indicador numa das narinas, dir-se-ia, em busca de solução para o inquietante problema. Recorreria aos préstimos de Jorge Maiato, o pilha-galinhas que para desviar a vigilância que sobre ele exercia a polícia, se tornara o maior delactor das ingombotas.

Encontra-lo-ia, certamente, na Rua da Pedreira, pontificando, como sempre, na loja do Alípio, entre gente da sua «igualha», gente que constituia um libelo contra uma cidade que se desenvolvia alheia aos problemas do crescimento não obstante a abundância de intelectuais que nela vivia.

— Ainda bem que te encontrei-te!...

— Bom dia, ti Kubindama! Estamos na mesa; nós encontrou a comer sardinhas e chupar um palhetofe!...

— Obrigado!...

— Prá sim, ou prá não?!...

— Prá não! As conversas que me trouxe não é de comer. Vouce sabes adonde moura uma gaja nome dela é Nga Moça?!...

— Ah, sei mesmo, tio! Moura no Kabilangu, junto no pé do Cajicaji.

— Vamos lá ainda me mostrar!...

Satisfeito pelo serviço que prestara, Jorge Maiato, medido nas suas calças de cotim xadres, remendadas, nas tra-seiras, de bocados de casimira preta e de kaki amarelo, regressava ao ponto de partida, assobiando a marcha carnavalesca das ingombotas :

«Cidrália, tem um romance

Que conta toda a vida triste...»

Nga Moça colocara o ferro de engomar sobre o descansador para tomar a sua primeira refeição. Mukunza (5) com coco. Até ali, apenas enganara o estômago com bocados de cola e de jinjibre e bebera uma caneca de kitoto, (6) de vinte centavos.

A presença do Kubindama, em sua casa, era uma surpresa amarga. Nga Moça empalidecera. Só por milagre não dera um kibebe... (7)

Recebida a contra-fé, procurou, em vão, saber o motivo. Kubindama resmungou palavras de ódio e retirou-se, deixando a pobre mulher envolta num mar de interrogações que culminaram em choros e gritarias.

A vizinhança acorreu em sua casa informando-se do que sucedera. Nga Moça nada sabia...

Joaquina Sabino procurava acalmá-la, lembrando que toda a desgraça tem sempre a ajuda de Deus. O Senhor nunca abandona os que sofrem!...

Nga Moça gritava angústias. Recordava factos da sua vida. Desolação. Contava com o pior. Tem sido toda a vida uma infeliz... Conhecia a sua sina...

Não tinha parentes que podessem intervir junto de autoridades. O irmão mais velho que fora o seu amparo, cumpria pena de desterro por umas coisas que nunca ninguém chegou a saber. Nem ele, o desterrado...

— As conversas é devagar!... — ponderava velha Matilde. Vamos primeiro arrumar as ropas alheia dos patrão e despós vamos nos pôr as cabeça e vamos andar para saber d'onde saiu o azar. Pessoa não fez mesmo nada e vai só na Administração, Nossa Senhora da Santana?!...

Uma chamada do Tenente Florentino causava realmente preocupações. Não havia passado muito tempo que mandara rapar a kindumba (8) da Violante, filha de boas famílias. O primo desta, que é Vogal da Camara, entregara o caso a um advogado mas somente perdeu dinheiro e tempo. «Dimanda dia ngulu kudifundilé kiombo». (9) Sentença dos velhos. E os velhos têm sempre razão... Tenente Florentino pode e manda!...

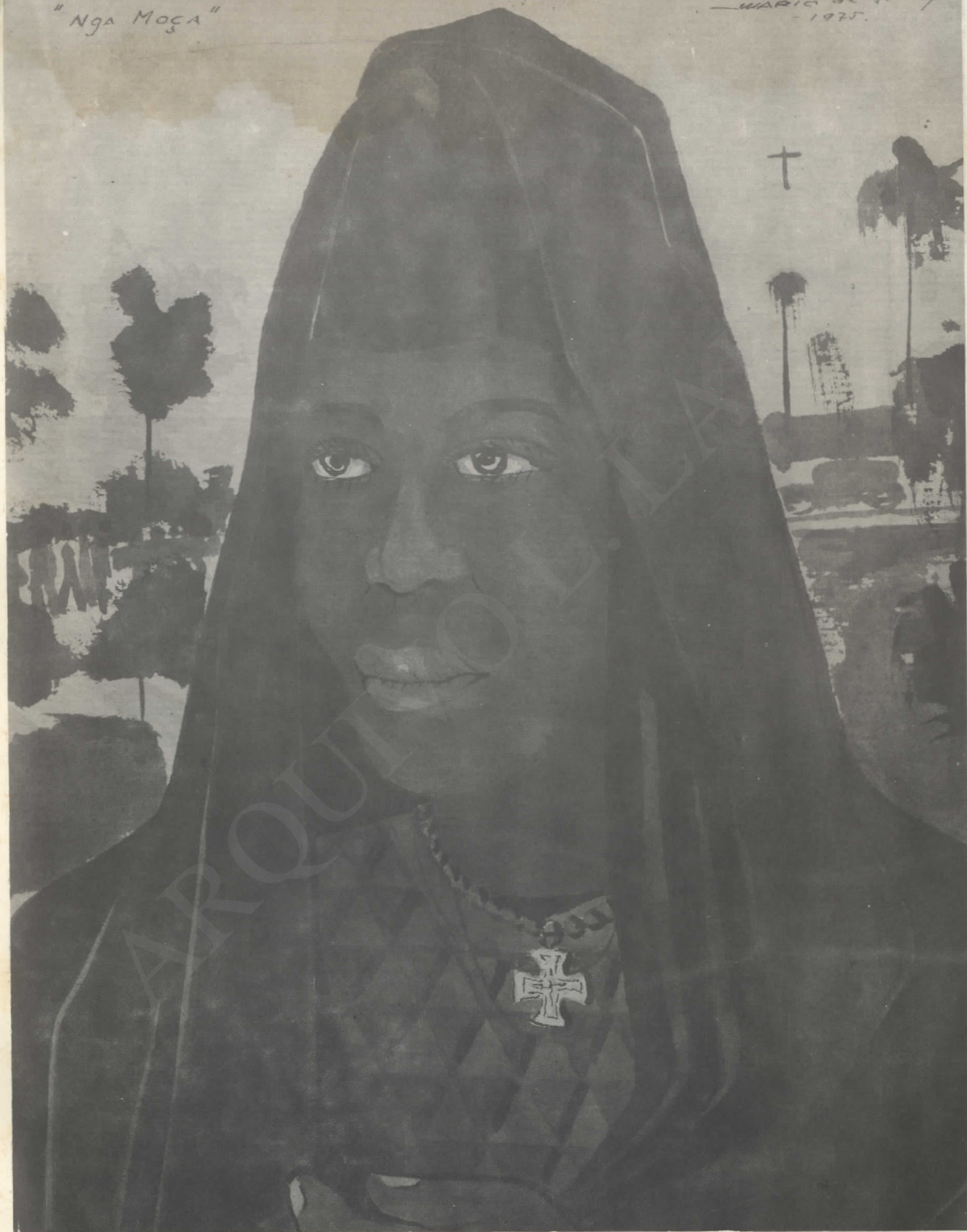
As amigas da Nga Moça chamaram a si a arrumação da roupa que ela ao fim da tarde deveria entregar aos patrões.

Todas insistiram numa diligência para a descoberta da verdade. Velha Matilde tinha fé no Nvunji (10) da Tia Lemba, mas faltava dinheiro para dar passos. E Nga Moça também não tinha um real.

Havia, no entanto, a possibilidade de hipotecar um cordão d'ouro que ela herdara da mãe. Negócio para o Pinto

"NGA MOCA"

—MARIO DE ARCEJO
—1975.



Kaxitu. Mais uma jóia que nunca mais seria vista. Negócios com Pinto Kaxitu só perdas trazem...

Sexta-feira, vestira os seus panos de barra de manteiga que trouxera da Katanga em troca da sua juventude e, logo à abertura das repartições estava Nga Moça à porta dos Paços do Concelho.

— Ana Brito!...

— Está aqui...

— Entra e espera ali!...

O cabo Manico, arrogante como todos os cabos-civis, indicou-lhe a porta da entrada. Ana Brito que tinha alcunha de Nga Moça porque era mestiça de cor branca, aproximou-se do Tenente Florentino, endireitando, meia nervosa, o paño preto que trazia sobre a cabeça em forma de manto.

Nga Moça era mulher bonita. Contava-se que nos seus tempos de donzela dera lugar a uma cena de socos entre um oficial e um doutor de leis, na rebita do «Recreativo Silvério Ferreira».

Tinha rendas em atraso. Fundamento da queixa. A senhoria, aguardava, num canto da administração, o resultado. Era recomendada da afamada Maricota Belchior, a presidenta da «Élite», pessoa que desfrutava de categoria junto de jingungu. Suas recomendações tinham a força da lei nas sociedades onde ela é realmente respeitada.

O Tenente Florentino dera curto prazo à Nga Moça para regularizar a situação. Ela, implorou tolerância.

— Só uma desgraçada, senhôlo Tenente. Manda só já esperar até no fim do mês que vem...

— Não quero conversas! Farto de conversas ando eu... Não tens homem?...

Nga Moça baixou a cara e não conseguiu balbuciar uma palavra.

— Onde fica a casa?...

— Fica no pé da louja do Cajicáji.

— Cascais?... Está bem! Já sei... Logo vou até lá ver o que se pode fazer. Estás a ouvir?!...

Efectivamente, ao anoitecer, um automóvel de luxo estacionou debaixo duma mulemba e, não tardou que um ngundu se instalasse no quartito duma pobre lavadeira que não tinha dinheiro para pagar rendas...

Nga Moça pusera todo o cuidado na arrumação do seu dormitório que também servia de despensa e capoeira. Às galinhas, escondidas debaixo da cama, pareciam informadas da presença do visitante, pois nem sequer a kasafu (12) piara.

Os aposentos da Nga Moça tinham conhecido um arranjo impecável. O Tenente Florentino achara graça a uma quadra bordada na fronha da almofada :

«O amor quando é novo
amasse com toudo os cuidado
Depós das vortas trocadas
Tornasse papel infadado...»

As amigas da Nga Moça murmuravam o acontecimento e havia quem lhe invejasse a sorte. Mesmo que viesse a abandoná-la com um filho, filho de branco nunca se perde...

As visitas do Tenente tornaram-se frequentes. Um dia, porém, Nga Moça sentiu-se no seu estado interessante e

participou o facto ao Tenente. Ele, escutou, muito atento, não disse palavra, saiu, e nunca mais voltou...

O tempo foi passando. A barriga cresceu. Nasceu o menino. Xiquito, era em tudo, parecido com o pai. Cara e gestos...

O senhor Constantino que conhecia o oficial desde os tempos de estudante, em Chaves, dizia, muitas vezes que, Xiquito era o retrato vivo de Florentino. E malandro como o pai...

— Pois é, minino, Xiquito. E quando te fala istuda, istuda, não me faz caso. Não sei. O bem é para você. Amanhã quando vais trabalhar vais comer com tuas mulher. Inda se você era filho de muier, eu podia dizer que ganhei...

Nga Moça batia muitas vezes na tecla e, como a persistência conquista triunfos, Xiquito fez o segundo grau, na escola da Missão Americana.

Ofício é que dá. Vida de funcionário não é nada... Se amanhã uma pessoa tem um suceso na vida e sai no trabalho fica já sem modo de vida...

Por isso, Minino Xiquito entrou na «Lusitana», para aprender o ofício de compositor. Salário, na primeira semana, meio angolar por dia. Dona Caetana, a senhora do patrão, dava-lhe mais alguma coisita. Xiquito era esperto. Cobrava contas e distribuía a «Ilustração». Fazia serviço de homem e recebia salário de criança...

— Minino, Xiquito, esta vida que estais a levar de tirar usóvo no quarto não é vida...

— ...

— Eu, mamã?...

— Cala só já não me faz te partir a cabeça. Jurgas intão como eu não sei que estás com víços!?

Xiquito fumava e tinha extravagâncias. Era o ídolo das gentes da sua idade. Às de futebol. Ponta esquerda com uma brasa que nenhum guarda-redes conseguia ver. Nem o Matozo que era o melhor do Museke Braga.

Certa ocasião, os companheiros levaram-no ao campo dos coqueiros e treinou com a equipa do Sporting. Nem o Nóberto Franco fez farinha, com ele. Caramba... Xiquito é que é... Perigoso.

Semanas depois, alinhava num Sporting-Atlético e deu que falar. Formidável! Xiquito é que é...

Sua fama aumentava com o rodar do Tempo. Ídolo. Nenhuma pequena lhe resistia. Tinha quatro namoradas e, aos sábados, nos «Cidralinos», haviam sempre brigas por sua causa.

— Minino Xiquito, eu já te comecei a falar-te muito tempo. Estas cuesas de bailes e bolas e mais víços costumam trazer doença de peito. Bem, está só te avisar-te...

Domingo, madrugada, Xiquito vinha dum baile, a suar, e despiu o casaco. Apanhou corrente de ar. Ficou constipado. Depois, Xiquito estava só a ficar magro...

Um dia, tossiu toda a noite e escarrou sangue. Xica Kavuanza, fez um cozimento à moda do Ngulungu para Xiquito tomar. Misanhi (13) e Mukumbi (14). Tosse não quis parar. Tomou charope do Sambo. Mas, nada... Cada dia que passava doença vinha com mais força.

Certa noite, Xiquito sonhara que velho Marcolino estava a apertar-lhe o pescoço. Acordara aflito, sem ar. Velho Marcolino nunca o perdoara depois da cena de Xiquito lhe ter batido porque não admitia que um negro quisesse amigar

com a mãe. Mas Marcolino era teimoso. Esperava que Xiquito morresse para realizar seu sonho de amor...

Numa quarta-feira, chuvosa, de Abril, Xiquito tossiu, tossiu, deitou uma bacia de sangue e não disse mais ai nem ui. Morreu!...

Toda a gente sentiu sua morte. Jogadores do Sporting, Sport Lisboa, Atlético e do Operário enfileiraram no cortejo fúnebre, levando bandeiras e flores.

Na Avenida de Brito Godins, muitos carros pararam para o cortejo passar. Um «buik», novo, descapotável, parou perto dos homens que seguravam no caixão. Um senhor gordo, mascando um charuto, eufórico, guiava o luxoso carro. Era o Tenente Florentino. As pessoas que acompanhavam o enterro trocaram olhares.

No Cemitério do Alto das Cruzes, quando o caixão ia deixar a cova um antigo seminarista pediu silêncio e pronunciou um discurso :

«Xiquito morreu! Encontramo-nos aqui, à volta dum corpo inerte, para prestar a nossa última homenagem a um jovem que deixa em todos nós uma derradeira saudade.

Desapareceu um moço que era, sem dúvida, uma das maiores esperanças desta nossa infeliz terra. É que Xiquito, foi um boémio e não um transviado, como parecia...

Dotado de viva inteligência, foi um dos fundadores do «Centro Literário Angolense», grupo empenhado em conquistar certo nível intelectual para as gentes da nossa terra e lutar contra a situação degradante que ela atravessa.

Xiquito morreu!...

No entanto, aquilo que em vida não nos pode dar, quis Deus que no-lo desse, nesta altura, denunciando um homem de baixos sentimentos. O senhor do «buik» que há pouco

parou, indiferente, junto do cortejo, meus senhores, foi o autor dos dias de Xiquito...»

Murmúrios e soluços. Raivas caladas. E o orador, continuou :

«Espero que cada um dos presentes encare o casual encontro como um apelo às nossas consciências para que todos, saibamos trabalhar, de modo que jamais se repita um espectáculo tão pungente como este que acabamos de assistir. Enfim... Xiquito morreu! Morreu cedo de mais!...

Mais uma mãe que vai andar carregada com o peso do luto das nossas desgraças...

Xiquito, morreu mesmol...

Paz, à sua alma!...»

O sacerdote rezou as últimas orações. O cadáver baixou à sepultura e toda a gente emudeceu, gritando silêncios de angústias e revoltas...

Luanda, ano de mil novecentos e cinquenta e sete.

- (1) Último filho.
- (2) Diminutivo de Ngongo (Gémea).
- (3) Malefício tendente a esquecer
- (4) Bebericar (do verbo ku zumata)
- (5) Milho seco cozido.
- (6) Bebida feita de fuba de milho.
- (7) Síncope.
- (8) Penteado em forma de leque usado pelas mulheres de Luanda que trajam panos.
- (9) Não te queixes do porco ao javali porque são irmãos e defendem-se sempre.
- (10) Espírito.
- (11) Brancos aparentemente importantes.
- (12) Galinha ruiva.
- (13) Planta medicinal.
- (14) Idem.

(R)

Execução gráfica :

LITO-TIPO, LDA.

Luanda

República Popular de Angola

ARQUIVO LITARA